



UEPB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

GISLAYNE MACEDO GOMES TOMAZ

**METODOLOGIAS E PRÁTICAS INCLUSIVAS PARA OS AUTISTAS NO ENSINO
DE GEOGRAFIA: UMA ABORDAGEM BIBLIOGRÁFICA**

CAMPINA GRANDE
2022

GISLAYNE MACEDO GOMES TOMAZ

**METODOLOGIAS E PRÁTICAS INCLUSIVAS PARA OS AUTISTAS NO ENSINO
DE GEOGRAFIA: UMA ABORDAGEM BIBLIOGRÁFICA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Geografia.

Área de concentração: Ensino de Geografia

Orientador: Prof. Dr. Agnaldo Barbosa dos Santos.

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

T655m Tomaz, Gislayne Macedo Gomes.

Metodologias e práticas inclusivas para os autistas no ensino de geografia [manuscrito] : uma abordagem bibliográfica / Gislayne Macedo Gomes Tomaz. - 2023.

21 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Agnaldo Barbosa dos Santos , Departamento de Geografia - CEDUC."

1. Autismo. 2. Ensino de geografia. 3. Tecnologias da Informação e Comunicação - TICs. 4. Inclusão escolar. I. Título

21. ed. CDD 372.89

GISLAYNE MACEDO GOMES TOMAZ

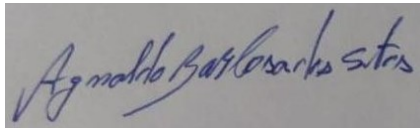
METODOLOGIAS E PRÁTICAS INCLUSIVAS PARA OS AUTISTAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA ABORDAGEM BIBLIOGRÁFICA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de licenciatura em geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Geografia.

Área de concentração: Ensino de Geografia.

Aprovada em: 09 de dezembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Agnaldo Barbosa dos Santos (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. Hélio, de Oliveira Nascimento – (DG) Examinador
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^a. Doutoranda Bruna Maria de Sousa Santos Examinadora
Universidade Federal de Campina Grande-PB (UFCG-PB)

Ao meu pai, pela dedicação,
companheirismo e amizade, DEDICO.

“O autismo é parte deste mundo, não um
mundo à parte”
Educando en la vida

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Aplicativos e softwares para autismo no ensino de geografia.....	17
--	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. CONTEXTUALIZAÇÃO E CONCEITOS DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA.	9
3. O ENSINO DE GEOGRAFIA MEDIADO POR TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO.....	11
4. EDUCAÇÃO INCLUSIVA.	12
4.1 Autismo.....	13
5. METODOLOGIA.....	15
6. ANALOGIAS DAS PRÁTICAS METODOLÓGICAS PARA OS AUTISTAS NAS AULAS DE GEOGRAFIA.	15
7. CONCLUSÃO.....	19
8. REFERÊNCIAS.....	19

METODOLOGIAS E PRÁTICAS INCLUSIVAS PARA OS AUTISTAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA ABORDAGEM BIBLIOGRÁFICA.

INCLUSIVE METHODOLOGIES AND PRACTICES FOR AUTISM IN GEOGRAPHY TEACHING: A BIBLIOGRAPHIC APPROACH.

Gislayne Macedo Gomes Tomaz

RESUMO

A compreensão do campo geográfico por meio dos recursos tecnológicos assume relevância no texto na conjuntura de indivíduos diagnosticados com transtorno do espectro autista (TEA). Para isso, é necessário refletir sobre a condição do discente com TEA e o papel do ensino geográfico. O objetivo principal do trabalho é identificar alternativas tecnológicas para discentes com autismo nas aulas de geografia, e com isso desenvolver análises, teorias, e assuntos subjacentes à pesquisa. A abordagem da pesquisa é de cunho bibliográfico em que foram selecionados artigos que trabalham a temática, inclusão, ensino de geografia e autismo, em um recorte temporal entre 2012-2022. A pessoa com autismo deve ser tratada naturalmente como qualquer outro indivíduo, pois todos podem aprender; o professor deve-se focar mais nas habilidades do que nas dificuldades e incapacidades do aluno autista e os familiares devem ser presentes neste processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Autismo. Ensino de Geografia. Tecnologia.

ABSTRACT

Understanding the geographic field through technological resources assumes relevance in the text in the context of individuals diagnosed with autism spectrum disorder (ASD). For this, it is necessary to reflect on the condition of the student with ASD and the role of geographic teaching. The main objective of the work is to identify technological alternatives for students with autism in geography classes, and with that to develop analyses, theories, and subjects underlying the research. The research approach is of a bibliographic nature in which articles were selected that work on the theme, inclusion, teaching of geography and autism, in a time frame between 2012-2022. The person with autism should be treated naturally like any other individual, because everyone can learn; the teacher should focus more on the autistic student's abilities than on the difficulties and incapacities and family members should be present in this teaching-learning process.

Keywords: Autism. Teaching Geography. Technology.

1. INTRODUÇÃO.

A educação inclusiva passou por um longo percurso histórico, porém devemos ressaltar que no século XVIII já existia tal conceito, mas passou a ser reconhecido através da preocupação educacional em repensar quem é o deficiente para a sociedade. Entretanto, devemos salientar conforme Bueno (2004), no primeiro momento não havia uma preocupação escolar, o atendimento era restrito ao atendimento clínico e assistencial, vinculado a hospitais psiquiátricos, tendo um caráter segregacionista.

Ainda segundo Martins (2020), as primeiras iniciativas de proteção ao deficiente surgem em meados do século XVI, com a criação de asilos e abrigos de assistência ao deficiente. Nesta época as pessoas eram consideradas como “eternas crianças”. Aos longos dos anos, foi se modificando essa perspectiva, com políticas específicas como a declaração de Salamanca, pois as questões voltadas à educação inclusiva passaram a ter um tratamento diferenciado, período em que estes indivíduos passaram a ser atendidos, levando em consideração suas particularidades e potencialidades, podendo afirmar que a Educação especial passou a ter uma efetiva participação nas perspectivas educacionais e inclusivas dentro do ambiente escolar.

Portanto, nesta pesquisa foi pensado no objeto de estudo a ser almejado que é o ensino da geografia como disciplina de inclusão autista e assim na formação de cidadãos, pois busca através disto construir sujeitos autônomos partindo do desenvolvimento do processo de ensino geográfico. Para isso, é necessário refletir sobre a condição do discente com TEA e o papel do ensino geográfico. O objetivo principal do trabalho é identificar alternativas tecnológicas para discentes com autismo nas aulas de geografia, e com isso desenvolver análises, teorias, e assuntos subjacentes à pesquisa.

Metodologicamente, a pesquisa é de cunho bibliográfico em que foram selecionados artigos que trabalham a temática, inclusão, ensino de geografia e autismo, em um recorte temporal entre 2012-2022.

O artigo está subdividido em 6 tópicos: o primeiro é a introdução sobre a temática, o segundo é refletir a educação geográfica, o terceiro é uma abordagem sobre as tecnologias e o ensino de geografia, o quarto traz conceito de educação inclusiva e o autismo, o quinto é a metodologia que foi utilizada, o sexto são as analogias sobre as alternativas tecnológicas sobre o tema, finalizando com a conclusão.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO E CONCEITOS DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA.

A história da Geografia, e não se resume apenas ao pensamento geográfico, contudo é indispensável entender as suas origens, pois com isso passaremos a compreender a Geografia Atual, como sendo o resultado de um processo evolutivo. O conhecimento geográfico sempre existia, foi justamente esses conhecimentos que acumulados ao longo dos séculos permitiram o surgimento da nossa ciência. Ao entendermos que a Geografia estuda as diversas relações existentes entre o homem e a natureza, pode-se afirmar que, desde os primórdios os homens sempre se relacionaram com a natureza, somos obrigados a reconhecer que a Geografia existe desde a Antiguidade.

No entanto, a Geografia se institucionalizou como ciência no século XIX. É neste período que vão surgir as primeiras sociedades de Geografia (Paris 1821, Berlim 1828, Londres 1830), e as primeiras cátedras de Geografia nas Universidades. Alguns historiadores da nossa ciência tomam como data importante o ano de 1871, quando foi organizado o primeiro Congresso Internacional de Geografia, em Anvers (Belgica).

Entretanto, está Geografia apresentada nesse período vai está ligada as necessidades do século XIX, este momento histórico está marcado pela Revolução industrial, período de colonização e da própria urbanização, visto que foi um período de desenvolvimento, porém as geografias desenvolvidas eram de cunho colonial, econômico, militar e político. A partir desse contexto, pode-se dizer que a Geografia irá surgir como ciência no século XIX, na Alemanha. Os autores considerados como os pais da ciência geográfica, são os alemães Humboldt e Ritter.

A partir de Humboldt e Ritter ficou estabelecida a metodologia da geografia descritiva, empírica, observação, indutiva e de síntese. A influência de ambos foi, portanto, decisiva para conferir à Geografia o seu verdadeiro caráter científico. Além disso, há de se ressaltar o papel institucional, desempenhado por eles, na formação das cátedras dessa disciplina, dando assim à Geografia uma cidadania acadêmica. Entretanto, apesar deste peso no pensamento geográfico, não deixam discípulos diretos. Isto é, não formam uma “escola geográfica”. Deixam uma influência geral, que será resgatada por todas as “escolas” da Geografia Tradicional.

A primeira metade do século XIX pode ser caracterizada como o período de surgimento da chamada Geografia universitária e escolar, ou seja, uma Geografia acadêmica. Esta Geografia surge sob forte influência das ciências naturais. Visava-se nesta época formar professores do ensino primário e secundário para que estes pudessem, associado aos estudos de história, formar cidadãos patriotas e conhecedores de seus países.

Segundo Santos e Silveira (2008), o período atual da Geografia é caracterizado por acréscimos do meio técnico-científico-informacional, sendo que o entendimento de espaço geográfico não pode desconsiderar esse dado, que é único na história.

No momento o ensino da Geografia tem proporcionando os docentes, novos acréscimos de tecnologia, buscando deixar as aulas mais “atraentes” para seus alunos. Contraditoriamente, ainda se identifica resquícios de uma pedagogia ultrapassada, em que o ensino de Geografia ainda é colocado como algo mnemônico. Em contrapartida, vivemos a era da tecnologia, mas devemos pontuar que essa tecnologia não chega aos lugares de forma igualitária, havendo profundas desigualdades dentro do território brasileiro.

A Geografia se institucionalizou no Brasil, a partir da década de 40, na faculdade de filosofia da Universidade de São Paulo (USP) e do seu, respectivo, Departamento de Geografia, quando, a disciplina passou a ser ensinada por professores licenciados, com forte influência da escola francesa de Vidal de La Blache (PCN, 1997). No primeiro momento o ensino da geografia era caracterizado por uma explicação objetiva e quantitativa da realidade, possuindo traços da escola francesa, em que se abordava as relações entre o homem e a natureza de forma objetiva, nesse sentido não se priorizava as relações sociais, analisava-se a produção do espaço geográfico.

Em um momento posterior o ensino da geografia, foi caracterizado pelo estudo descritivo das paisagens naturais e humanizadas, os métodos didáticos

utilizados promoviam, a descrição e a memorização dos elementos que compõem as paisagens, nessa conjuntura não buscavam relacionar o ensino a realidade vivenciada pelo discente. Segundo Cassol (2005), foi nessa perspectiva que marcou a produção dos livros didáticos até meados da década de 70. E que ainda hoje, muitos destes materiais didáticos apresentam em seu corpo ideias, interpretações ou até expectativas de aprendizagem defendidas pela Geografia Tradicional. Entretanto, devemos entender que a geografia algo que se aprende e se constrói, é também parte integrante do processo ensino e de aprendizagem do aluno.

3. O ENSINO DE GEOGRAFIA MEDIADO POR TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO.

Estamos vivendo a era tecnológica, observamos isso devido à grande demanda do uso das ferramentas tecnológicas pelos jovens, adolescentes e até mesmo por crianças. Porém em uma perspectiva escolar muito tem se falado na sobre a integração das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) no nas instituições de ensino e seu uso adequado em sala de aula.

Sobre isso a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que norteia todo o processo de educação, contempla o uso crítico e responsável das TICs e em sua competência geral destaca o enfoque de:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva, e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2018, p.9.)

A partir dessa abordagem, observa-se que ao utilizar das TICs deve-se construir um espaço educativo para a produção do conhecimento. A proposta de inclusão das TICs dentro da sala de aula vem se consolidando no meio educacional, e com isso, diversos recursos tecnológicos são produzidos e colocados à disposição dos professores, como ferramentas para utilização no processo de ensino aprendizagem.

Na área de Geografia é possível encontrar alguns Recursos Educacionais Abertos (REA), que de acordo com Auesvalt (2020), são recursos que estão disponíveis na internet e licenciados abertamente permitindo o acesso e a utilização por terceiros, portanto, estão colocados à disposição de professores e estudantes, como possibilidade de mediação para o processo de aprendizagem, como por exemplo: Google Acadêmico: Esta ferramenta é ideal para pesquisas mais aprofundadas em inúmeras áreas do conhecimento; Google Classroom (ferramenta vinculada ao Gmail que cria salas de aulas virtuais que permitem compartilhamento de materiais entre professores e alunos); Google Earth (suas aplicações para potencializar o ensino são inúmeras, estudos sobre o relevo, sobre a profundidade dos oceanos, florestas do planeta, etc.).

Contudo, o uso de ferramentas tecnológicas no âmbito escolar, pode despertar um interesse maior ao educando em relação aos conteúdos propostos e dessa forma aumenta a produtividade do mesmo em relação ao ensino, sem contar que aproxima esse educando de realidades diferentes, diminuindo distâncias entre lugares e proporcionando o aprendizado de diferentes culturas. (AUESVALT, 2020).

A utilização das TICs na educação pressupõe a inclusão digital de professores e alunos, para Moran (1994), o emprego das TICs pode ser significativo no processo de ensino e aprendizagem, uma vez que elas contribuem significativamente para que os alunos se sintam motivados a querer aprender cada vez mais, na medida em que ajudam na contextualização dos conteúdos.

4. EDUCAÇÃO INCLUSIVA.

O processo histórico sobre a educação inclusiva cujo termo inclusão aparece pela primeira vez, oficialmente, foi no Relatório Warnock (1978), “englobando não só alunos com deficiências, mas todos aqueles que, ao longo do seu percurso escolar, possam apresentar dificuldades específicas de aprendizagem”. (LOPES, 2014, p. 743). No entanto, é com a Declaração de Salamanca (1994) que o termo ganhou força e “definiu a necessidade de se atuar de modo a conseguir escolas para todos”, de forma integrada e na rede regular de ensino. Esse documento foi de extrema importância pois responsabilizou a todos os países participantes pela implementação de uma política de educação mais inclusiva e extensiva a todos.

Podemos afirmar que a temática educação inclusiva é bem contemporânea, promovendo discussões e debates no âmbito educacional, em nosso país como também nos demais, possui leis que garantem a inclusão de pessoas com necessidades especiais de maneira igualitária, permitindo a acessibilidade em escolas, instituições de ensino superior e no próprio mercado de trabalho.

Entretanto devemos entender as divergências entre o conceito de educação especial proposta até a década de 80, e a educação especial na perspectiva da educação inclusiva para que assim possamos ter uma melhor compreensão da inclusão proposta em Salamanca pois esta Declaração de vai trazer a educação inclusiva como a possibilidade de “reforçar” a ideia de se ter uma “educação para todos”, pois entendia-se até então a ausência desse público dentro do ambiente escolar. Sobre isso, Noronha e Pinto (2008) citam que:

No final do século XVIII e início do século XIX inicia-se o período da institucionalização especializada de pessoas com deficiências, e é a partir de então que podemos considerar ter surgido a Educação Especial. Essa Educação acontecia em escolas fora das povoações, argumentando que o campo lhes proporcionaria uma vida mais saudável e alegre. Desta maneira se tranquiliza a consciência coletiva, pois estava a proporcionar cuidado e assistência para quem necessitava, protegendo o deficiente da sociedade sem que esta tivesse de suportar o seu contato. (NORONHA; PINTO, 2008, p.01).

A partir, do que foi exposto pelo autor, observa-se que uma exclusão e não inclusão, pois as pessoas com deficiências eram educadas fora do ambiente urbana e conseqüentemente distante dos olhos da sociedade. Contudo, como foi dito anteriormente a educação especial e a educação inclusiva foi se consolidando ao longo dos tempos. Sobre isso Martins afirma:

A Educação Especial brasileira se formou em meados da década de 1960 a 1970 no auge das movimentações sociais, assim como mudanças desencadeadas pelas legislações. A sociedade assumiu um caráter passivo, porém vale salientar que não basta apenas as organizações e movimentações, mas sim o esforço de cada indivíduo

envolvido, para que assim possam ser superadas as barreiras e os limites impostos aos deficientes, oportunizando espaços e participação a todos os indivíduos, sem pré-julgamentos ou atitudes discriminatórias. (MARTINS, 2020, p. 1).

Já em meados da década de 90 com as discussões acerca da inclusão escolar, esse conceito de educação especial começa a ser discutido na perspectiva da educação inclusiva e, segundo Noronha e Pinto (2008), a Educação Especial passa a se ocupar do:

[...] atendimento e da educação de pessoas com deficiência e transtornos globais de desenvolvimento em instituições especializadas. É organizada para atender específica e exclusivamente alunos com determinadas necessidades especiais. Onde profissionais especializados como educador físico, professor, psicólogo, fisioterapeuta, fonoaudiólogo e terapeuta ocupacional trabalham e atuam para garantir tal atendimento. (NORONHA; PINTO, 2008, p. 3).

Contrapondo o que foi visto anteriormente, a educação inclusiva vem com viés bem diferente, inserida em todos ambientes educacionais, friso na zona urbana também, buscando atender a esse público com profissionais especializados, além do contato com própria sociedade. Considerando estes aspectos, a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), atribuiu significado à Educação Especial e Educação Inclusiva.

Educação Especial: Modalidade de educação escolar; processo educacional definido em uma proposta pedagógica, assegurando um conjunto de recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar e suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais, em todas as etapas e modalidades da educação básica (BRASIL, 2001, p. 39).

Diante disso, observa-se a amplitude da educação inclusiva na forma da lei, porém devemos pontuar que a realidade é bem diferente, e a construção deve ser realizada, pois o autista ser faz presente no nosso dia a dia.

4.1 Autismo.

Segundo Silva (2019), o termo “autismo” foi utilizado pela primeira vez por Bleuler, no ano de 1911, a partir observações realizadas em pacientes diagnosticados com esquizofrenia, percebeu-se através disto, diferentes comportamentos em determinado grupo de pacientes, com isolamento social mais acentuado e estereotipia. Todavia, é importante pontuar que o autismo é um transtorno de desenvolvimento complexo, definido de um ponto de vista comportamental, com diferentes graus de comprometimento. Santos, afirma que:

Autismo, nomenclatura empregada pela primeira vez pelo psiquiatra Eugen Bleuer (1857- 1939) em 1911, ele relata a fuga da realidade e o retraimento de adultos esquizofrênicos para o mundo interior. (SANTOS, 2019, p. 30).

Contudo, o Transtorno do Espectro do Autismo, conhecido também pela sigla “TEA”, contempla inúmeras manifestações. Nos dias atuais, percebe o grande crescimento em relação a essa patologia, necessitando de seu protagonista, conhecimento específico sobre o assunto para que se esclareça sobre o mesmo, sinalizando as características e dificuldades encontradas nesse público.

Ao se falar em autismo, temos que em um primeiro momento considerar a complexidade que permeia esta especificidade, pois este, como dito anteriormente é considerado um transtorno do espectro autista, mas o que seria isso? Quais características são perceptíveis? De acordo com Charman e Baird (2002) citados por Silvia e Mulick (2009), observa-se em crianças diagnosticadas com essa patologia, disfunções sensoriais bastante incomuns e peculiares, entre eles uma sensibilidade a estímulos sonoros, visuais, táteis e gustativos. No entanto a hipersensibilidade a estímulos auditivos é um dos desconfortos mais prejudiciais para a socialização, pois a dificuldades destas em permanecer em lugares cheios e barulhentos. Ademais, Solomon afirma que:

O autismo é considerado uma perturbação onipresente porque afeta quase todos os aspectos do comportamento, tanto as experiências sensoriais, as funções motoras, o senso físico de onde o corpo está, quanto a consciência interior. A incapacidade intelectual não faz parte do autismo: a síndrome se arraiga num transtorno de função social. (Solomon, 2013, p. 267).

A partir do que autor pontuou, percebe-se que o autismo é algo da consciência interior que reflete de forma significativa nos aspectos físicos, principalmente no comportamento dos indivíduos que apresentam essa patologia. De acordo com a pesquisa de Lacerda (2017), o “transtorno do espectro autista é considerado uma conjuntura que ataca aproximadamente 2% da população, pode ser considerada leve (onde somente pessoas próximas ao sujeito percebem) ou considerado grave (onde prejudica o sujeito em realizar atividades simples como falar).” Diante disso, observa-se que o autismo é uma síndrome que engloba inúmeras etiologias que ainda não foram comprovadas e em diferentes graus de severidade.

Já em outra pesquisa, Sá (2003), sinaliza que o autismo atinge cerca de 8 a cada 10 mil indivíduos, com maior incidência em indivíduos do sexo masculino, mas como foi visto anteriormente algumas características fundamentais do autismo, que impactam em diversas áreas seja no biológico ou no social. A partir dessa conjuntura podemos refletir que a população que possui esse transtorno é pequena, porém é importante entender como se pode trabalhar com esses discentes, para assim inserir no campo escolar. De acordo com o ministério da saúde (2000):

O grupo de transtornos neuropsiquiátricos, compreendendo os transtornos globais do desenvolvimento, inclui o transtorno autístico. O autismo manifesta-se em tenra idade e persiste, normalmente, durante a vida adulta. Caracteriza-se também pela anormalidade na comunicação e no desenvolvimento social e pela restrição do repertório de atividades e interesses. O autista apresenta comportamentos hiperativo, agressivo e injurioso em relação a si e aos outros, assim como pensamentos e comportamentos interferentes e repetitivos. Estima-se que 66% dos afetados mantêm severos comprometimentos no seu desenvolvimento e jamais

atingem uma função social independente. Diversos são os fatores que podem desencadear o autismo, dentre os quais se incluem o desequilíbrio nos sistemas neuroquímicos e fatores genéticos.

Outra característica que é importante ser abordado, de acordo com Sacks (1995), é que esses indivíduos com esse transtorno possuem comportamento e interesses restritos, repetitivos e estereotipados, adotam uma rotina permanente, apresentam restrição numa área de interesse, podem insistir bruscamente em algo e ainda, podem apresentar anormalidades na postura.

5. METODOLOGIA.

A pesquisa será realizada por meio de pesquisas bibliográficas com ênfase em uma abordagem qualitativa. Nesse primeiro momento busca-se fazer a pesquisa exploratória que de acordo com Minayo (2016) é o estudo sobre a temática e elaboração de fichamentos dos textos que utilizaremos na fundamentação teórica e como aporte teórico, ou seja, obter conhecimento conceitual do estudo em âmbito mais amplo para que possamos analisar as produções que fazem referência ao ensino de geografia em discentes que possuem o transtorno do espectro autista.

A coleta de dados será realizada através de uma revisão bibliográfica por meio de livros, sites oficiais, monografias, artigos de anais de eventos e revistas eletrônicas. Buscaremos realizar análise dos dados para construção e estruturação de um artigo dialogando com os autores, a metodologia proposta e os dados obtidos.

6. ANALOGIAS DAS PRÁTICAS METODOLÓGICAS PARA OS AUTISTAS NAS AULAS DE GEOGRAFIA.

A função social do ensino de geografia para discentes que são autistas é possibilitar a compreensão de quanto essa disciplina é importante na inclusão. Estamos na era contemporânea em que ocorreu um crescente número de crianças diagnosticadas o TEA, porém devemos nos atentar as especificidades e particularidades de interação social deste público no ambiente escolar. Sabemos que a geografia como os demais componentes curriculares da educação, requer do discente a assimilação de conteúdos e conhecimentos referentes a ela, pois inúmeros são os conceitos que podem ser trabalhados de maneira abstrata possibilitando estimular a imaginação e interpretação dos fenômenos abordados dentro do contexto geográfico.

Entretanto deve-se entender que a aprendizagem dos alunos autistas não se será incompleta, uma vez que esta forma de ensinar vai de encontro com as habilidades acometidas pela síndrome e o aluno não conseguirá acompanhar o raciocínio do professor e demais colegas de classe. Segundo Berehoff:

Educar uma criança autista é uma experiência que leva o professor a rever e questionar suas ideias sobre desenvolvimento, educação, normalidade e competência profissional. Torna-se um desafio descrever um impacto primeiro contato entre este professor e estas crianças tão desconhecidas e na maioria das vezes imprevisíveis. (BEREOHFF, 1991, s/p.)

Para uma criança autista estabelecer relações é algo bem mais complexo, uma vez que o transtorno compromete principalmente sua capacidade de comunicação e interação afetando assim que a mesma construa relações. A

geografia em sua base trata questões que envolvem o relacionar de diversas formas: homem/espço, e relações sociais. Embora possuam uma memória visual privilegiada, o que nos leva compreender e planejar atividades que valorizem esse aspecto trazendo formas, cores, sons, texturas e assim promover estímulos sensoriais.

Nesse sentido e intercalando com os assuntos educacionais se insere o que chamamos de tecnologia assistiva, conhecida como TA, esta aparece juntamente com recursos múltiplos de ajuda para diminuir diferenças e potencializar a mediação no processo de aprendizagem de discentes que apresentam o TEA. Nesta perspectiva, a TA pode contribuir no processo de Mediação da Aprendizagem da criança Autista. Diante disso, é pertinente entender os aplicativos e softwares que podem auxiliar nesse processo de ensino aprendizagem do ensino geográfico.

Quadro 1: Aplicativos e softwares para autismo no ensino de Geografia

App	Modalidade de ensino	Link de acesso
Estados do Brasil - Mapas quiz	Educação Infantil, Fundamental I, Fundamental II e EJA	https://play.google.com/store/apps/details?id=com.asmolgam.brazil&hl=pt_BR
GEOATLAS - GEOGRAFIA DO BRASIL	Fundamental I, Fundamental II, EJA	https://play.google.com/store/apps/details?id=br.com.geoatlas.br&hl=pt_BR
MAKES IT PARA PROFESSORES - CRIAR JOGOS EDUCATIVOS	Educação Infantil, Fundamental I, Fundamental II e EJA.	https://play.google.com/store/apps/details?id=com.planetfactory.makeitAndroid
QUIZ DE GEOGRAFIA	Fundamental I, Fundamental	https://play.google.com/store/apps/details?id=pl.paridae.app.android.geography

	II e EJA	
SETERRA	Fundamental I, Fundamental II	https://seterra.br.uptodown.com/windows/download
6. TEACCH.M E	Educação Infantil,Funda mental I,Fundamental II e EJA	https://play.google.com/store/apps/details?id=appinventor.ai_maratonadeapp.TeacchME11

Fonte: Catalogo de games e sites assistivos. Adaptado pelo autor – 2022.

Segundo o portal de educação (2020), o aplicativo Estado do Brasil- Mapas Quis, tem em seu contexto os mapas dos estados brasileiros através de jogos de múltipla escolha, completar com letras, e dá a opção de cronometrar o tempo de resposta. Também trabalha a memorização das capitais e bandeiras dos estados, e há um modo em que todas essas informações são misturadas num jogo de múltipla escolha. É possível apresentar as informações através de flashcards, com os quais o usuário interage respondendo se acertou ou errou a resposta. Dessa maneira proporciona a aprendizagem de importantes dados geográficos sobre o país de maneira leve e divertida a pessoa com autismo.

De acordo com o catalogo de games e sites assistivos (2020), o Geoatlas-Geografia do Brasil é um aplicativo com conteúdo geográfico das regiões do Brasil, apresentando dois conteúdos: Regiões e Biomas. Na aba regiões, apresenta três itens: Descrição, Geografia e Estados. Na aba “Descrição”, traz uma apresentação geral da região, já na aba “Geografia” traz informações sobre clima, demografia, economia, hidrografia, relevo e vegetação, e em “Estados” traz as informações de cada estado das regiões. Ademias nesse aplicativo há um botão de leitura no qual vai reproduzir textos apresentados em áudio, localizado no lado inferior direito da tela, que auxilia no processo de ensino aprendizagem dos discentes autistas, podendo entender dos aspectos físicos geográficos de forma dinâmica.

Já, o Makes IT para professores – Criar jogos educativos, nesse aplicativo permite criar jogos simples com conteúdo personalizado (texto, imagem, som, links, vídeos do *youtube* e movimento) de acordo com os seguintes layouts: ligar elementos, fazer a correspondência, jogo de memória, quiz (com duas alternativas), preencher com letras, tocar no elemento correto, sequências, adivinhar a palavra, construir a frase (com as palavras aleatórias dadas), ligar palavra à imagem, ligar os pontos. Também há uma galeria de jogos prontos para servir de modelo para criar as novas atividades, com os conteúdos: cores, adição, formas, letras, emoções e corpo humano.

Segundo o catalogo de games e sites assistivos (2020), o aplicativo Quis de geografia, tem como objetivo explorar, utilizando de questões de múltipla escolha, com a temática voltada para capitais, bandeiras, e localização de países, mares e oceanos em mapas em 36 níveis de dificuldade.

De acordo com o portal de educação (2020), o software SETERRA, trabalha com a memorização de nomes de países, capitais, bandeiras e cidades de todos os continentes. O jogo consiste num quiz com marcação de tempo, em que o usuário deve clicar na imagem correta. Ao final é feito o registro da porcentagem de acertos

e o tempo em que a tarefa foi realizada, criando-se um ranking que pode servir como motivação para os alunos interagirem. Depois de instalar o programa é preciso selecionar o idioma português nas configurações.

O Teacch.me é um aplicativo educacional que pode ser usado por autistas e seus responsáveis e educadores. Baseado no método pedagógico TEACCH, o app conta com uma área para se comunicar exercícios configuráveis separados por categorias que são acompanhados por vídeos explicativos e espaço para criar rotinas e analisar o desempenho do aluno. O aplicativo também conta com uma assistente pessoal que se comunica por fala, com o objetivo de guiar o aluno da forma mais objetiva possível. No caso de o aluno ficar sobrecarregado, o detector fecha a tela para tranquilizá-lo. Este aplicativo contribui tanto para a comunicação quanto para a aprendizagem, ajudando na melhoria da qualidade de vida do autista. Segundo Proença:

O método TEACCH (Tratamento e educação para autista e crianças com deficiências relacionadas à comunicação) é bastante usado e eficiente no trabalho com crianças autistas, alcançando e norteadando diversas até ações pedagógicas. Um dos princípios do programa TEACCH é promover adaptações de acordo com a necessidade de cada um, e assim melhorar as habilidades para a vida cotidiana. Através de técnicas educacionais o educador deverá compreender os desafios presentes na deficiência a fim de buscar e estruturar ambientes e compensar os déficits. A agenda visual além de vários objetivos tem como centralidade disponibilizar a criança diagnosticada com TEA autonomia, conhecimento e mobilidade espacial. (PROENÇA, 2019, p.2)

Não se pode esperar que um autista, principalmente uma portadora da síndrome de espectro autista compreenda a complexidade existente no mundo e em seus lugares de convívio, mas possibilitar que a criança, observe, compreenda, descreva e futuramente represente é uma prática voltada a uma educação que contribua para a realização da leitura de mundo como elemento fundamental para o exercício de nossa cidadania. A geografia assume o papel de protagonista no componente curricular, uma vez que um dos meios de fazer a leitura de mundo é através da leitura de espaço, no qual os sujeitos adquirem suas experiências.

Para a disciplina de Geografia, outro trabalho simples que surtir efeito trabalho é o Plano Anual prevê que os seguintes objetivos sejam alcançados pelos alunos: I – Reconhecer o espaço físico da escola; II – Diferenciar os funcionários e alunos da escola III – Reconhecer a bandeira do Brasil; IV – Identificar o mapa do Brasil e visualizar os estados.

Ao analisa-los mais profundamente, buscando identificar como está organizado e propostos os temas de cunho geográfico, percebe-se o foco nas noções de espacialização e localização, como “reconhecer o espaço físico da escola” e de cartografia como “identificar o mapa do Brasil e visualizar os estados” e no programa TEACCH pode-se identificar os pontos que dizer respeito a “identificar a área de trabalho e área de lazer”.

A Geografia pode ser identificada nas observações em sala de aula no decorrer das atividades e nas ações orientadoras da professora. Com os alunos autistas alfabetizados nota-se um trabalho mais amplo sobre o tema. Por meio das atividades, escritas e orais destaca-se o trabalho com noções de espaço, localização, identificação de lugares, principalmente dentro da própria sala de aula

ou dentro da entidade. Trabalha-se muito a localização e espacialização das demais salas, tais como banheiro, brinquedoteca, refeitório entre outros.

Noções básicas de cartografia também estão presentes no cotidiano escolar, como o uso da lousa para desenhar o mapa do Brasil e identificar o país. O diálogo com os alunos que tem menos comprometimento na comunicação e linguagem também é destaque, assim como os questionamentos, tais como “Você mora perto ou longe da escola?”; “Qual o nome da rua que você mora?”, onde os aspectos geográficos são explorados de forma prática e objetiva. Deste modo percebe-se que a Geografia é de fato trabalhada em sala de aula durante o processo de ensino-aprendizagem dos alunos autistas, no entanto foca-se e direciona-se ao cotidiano dos alunos, ao que lhes é significativo, concreto e visível, resumindo a sua realidade, tais como se localizar na escola, localização das salas, local de trabalho dos profissionais, área do parque, quadra, identificar, explorar e descobrir os lugares.

7. CONCLUSÃO.

A pessoa com autismo deve ser tratada naturalmente como qualquer outro indivíduo, pois todos podem aprender; o professor deve-se focar mais nas habilidades do que nas dificuldades e incapacidades do aluno autista e os familiares devem ser presentes neste processo de ensino-aprendizagem. Por fim, a respeito sobre o ensino de Geografia para alunos autistas, a professora foi enfática. Relatou que a Geografia pode sim ser trabalhada com alunos autistas, porém, de forma concreta, real e sem abstração.

Vivemos uma era tecnológica em que está disponível inúmeros aplicativos, softwares e sites que podem auxiliar nesse processo de ensino aprendizagem geográfico, é perceptível como mostrou a pesquisa a necessidade da inclusão no campo educacional dessas ferramentas para alunos com TEA, percebe-se também a simplicidade da descrição desses apps, porém devemos pontuar que a criança ou adolescente com autismo necessita de algo concreto e visível que possa ajudar no processo.

8. REFERÊNCIAS.

- BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial.** Diretrizes Nacionais para a educação especial na educação básica. Brasília: MEC; SEESP, 2001. Disponível em. Acesso em: 22 jul. 2020.
- BEREOHFF, A. M. P. **Autismo, uma visão multidisciplinar.** São Paulo: GEPAPI, 1991 s/p.
- BUENO, J. G. S. **Educação Especial brasileira: integração/segregação do aluno diferente.** 2. ed. São Paulo: PUC/SP-EDUC, 2004.
- LACERDA, Lucelmo. **Transtorno do espectro autista: uma brevíssima introdução** / Lucelmo Lacerda. – Curitiba: CRV, 2017.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE, **Autismo: orientação para os pais** / Casa do Autista. Brasília, 2000.

JEISA Ariele Martins, **EDUCAÇÃO ESPECIAL E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: QUEM SÃO ESTES SUJEITOS NA SOCIEDADE?**. 14º seminário de iniciação científica. 2020.

PORTAL DA EDUCAÇÃO. **Aplicativos para tablets e smatphones**. Disponível em:

http://www.portaldaeducacao.recife.pe.gov.br/sites/default/files/arquivos_informativos_home/catalogo_de_games_e_sites_assistivos_2020_0.pdf. Acesso em: 27 de setembro de 2022.

MORAN, José Manuel. **Os meios de comunicação na escola**. In: Fundação para o desenvolvimento da educação. Série Ideias: n. 9. São Paulo: FDE, 1994, p. 21-28.

ROSEMERI LIS AUESVALT. **O ensino de geografia mediado por tecnologias da informação e comunicação no ensino Fundamental II**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Tecnologias, Comunicação e Técnicas de Ensino, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

SACKS, O.W. **Um antropólogo em Marte**. São Paulo: Companhia da Letras, 1995.

SANTOS, S.A. Transtornos globais do desenvolvimento. Curitiba: Intersaberes, 2019. Série Pressupostos da Educação Especial, 2019.

SILVA, M. & MULIK, J. A. **Diagnosticando o Transtorno Autista: Aspectos Fundamentais e Considerações Práticas**. In: Psicologia Ciência e Profissão, Vol.29, Núm. 1. p. 116-131. 2009.

Silva, Joseane Balbino da. **O papel do ensino de geografia no processo de inclusão do autista na educação infantil**. / Joseane Balbino da Silva. - 2019. 31 f Orientadora: Mariana Guedes Raggi. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas. Centro de Educação. Maceió, 2019.

SOLOMON, A. **Longe da árvore: pais, filhos e a busca da identidade**. Companhia das letras, 2003.

AGRADECIMENTOS

Venho agradecer e dedicar este trabalho, primeiramente a Deus por me iluminar a cada amanhecer e me abençoar com saúde e sabedoria.

Aos meus pais Gilmar Cabral Gomes e Joseneide Macedo Silva, por sempre me apoiarem, meu pai sempre ao meu lado todas as noites sempre apostos a me buscar na UEPB, e minha mãe meu braço direito sempre cuidando de meus filhos para que eu pudesse estudar.

Ao meu esposo Wallace, meu amigo e companheiro que por muitas vezes no início de meus estudos chegou a me levar de bicicleta quando ainda estudava no antigo CEDUC, que sempre me apoiou em toda minha jornada acadêmica e da vida. Aos meus irmãos Gladson, Gilmário e Gabrielly, que sempre estiveram ao meu lado me incentivando com palavras e me apoiando para que eu viesse a terminar meu curso.

Aos meus filhos Beatriz Victória Macedo Tomaz e Felipe Matheus Macedo Tomaz que são o meu motivo sempre de seguir em frente e lutar pelos meus objetivos, pois eles foram um presente de Deus que irradiam meu dia de alegria e através da vivencia com eles me veio à ideia do meu TCC.

Ao meu avô paterno Manoel e minha avó materna M^a de Lourdes, ao meu avô paterno José e minha avó paterna Iraci que sei que ambos se orgulham e se alegram pela minha conquista e que a sua maneira sempre me apoia em minhas escolhas.

Ao corpo docente da UEPB que sempre se dedicam aos seus docentes, e ao meu Orientador Professor Dr. Agnaldo B. dos Santos, por ter se dedicado a momentos de orientação para esta pesquisa e apoio enquanto professor.

Aos meus colegas de sala, em especial aos meus amigos companheiros de vários momentos não somente de estudo como também de conversar alegres e desabafos, a Luana Leal amiga que levarei pra vida, Marcio Rangel amigo que sempre contagiou a todos com seu jeito animado de ser, a Rosa Balbino sempre organizada exemplo de pessoa, Geneva, Dalila e Anderson o trio mais que especial, a todos que sempre estiveram junto comigo, meu carinho. Enfim a uma pessoa muito especial Jaqueline Flor uma grande amiga que me ajudou bastante nesta construção do trabalho, pois além de suas palavras de incentivo me ajudou bastante com materiais para ajudar em minha pesquisa minha gratidão amiga.